

BOLETIM DO LEITE

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP

Ano 11 - Nº137 - Novembro de 2005



Demanda não é suficiente para absorver aumento de oferta

Conjuntura Macro

Renda determina tamanho da safra e quantos copos de leite bebem os brasileiros

PÁG. 02

Qualidade do Leite

Valor adicional por qualidade pode passar de 20%

PÁG. 03

Mercado de Insumos

Milho e farelo recuam, mas não melhoram a situação do produtor de leite

PÁG. 06

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA



Centro de Estudos Avançados em
Economia Aplicada - ESALQ/USP



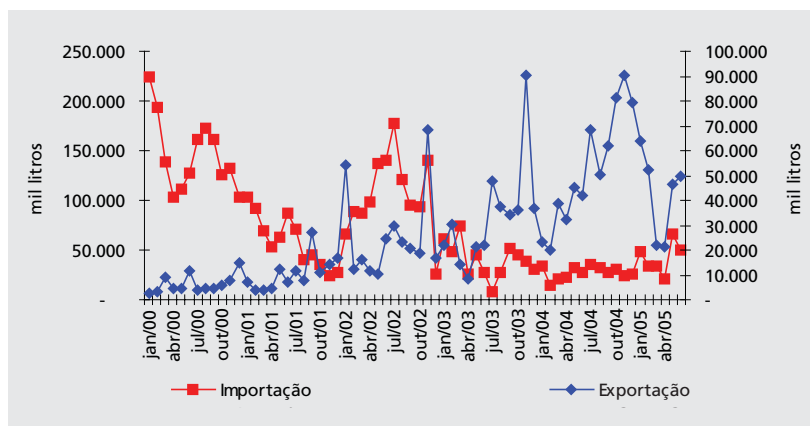


O BOLSO DO CONSUMIDOR É QUE MANDA

Câmbio é o ponto de partida para muita gente na hora de analisar o mercado lácteo. Atento a esse comportamento, o Cepea fez uma série de estudos para saber qual a real importância do câmbio sobre o volume de leite produzido e sobre o preço pago ao produtor.

A conclusão pode surpreender: as exportações, de fato, são necessárias para o mercado lácteo no longo prazo para conter um eventual excesso de oferta. Contudo, no curto prazo, é o bolso do consumidor (renda disponível bruta) que determina o tamanho da safra seguinte e também o volume de leite consumido pela população. Planejamentos de longo prazo baseados essencialmente em câmbio, sem visualizar a renda disponível e o volume, deixam míope esta estratégia.

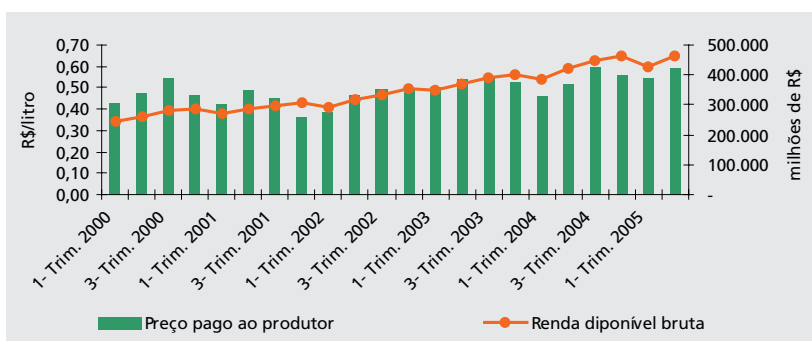
Gráfico 1
Volumes importado e
exportado de leite
(equivalentes litros)



Fonte: Secex

Embora tenha sofrido muitas transformações em período recente, o setor lácteo continua, essencialmente, voltado para o mercado doméstico. Outrora importador de leite – cerca de 10% do consumo total até meados de 2000 era importado –, o Brasil inicia em meados de 2003 um processo de expansão das exportações; no acumulado de 2005, até setembro, já embarcou o equivalente a 451 milhões de litros, como mostra o gráfico 2. Ao analisar o mercado externo lácteo, o preço, no período entre o primeiro trimestre de 2000 e o

Gráfico 2
Evolução dos
preços do leite pago
ao produtor e a renda
disponível bruta.



Fonte: Ipea e Cepea/Esalq-USP

segundo trimestre de 2005, responde às importações. Verifica-se que o aumento da quantidade importada causa uma diminuição no preço após três meses. Isso nada mais é do que um aumento da oferta interna. No entanto, no mês de abril, quando passamos da safra para a entressafra, ocorre um aumento dos preços internos mesmo se mantendo a importação.

Renda determina tamanho da safra e quantos copos de leite bebem os brasileiros

Quando relacionamos o câmbio e as exportações com o preço interno, verificamos que essas variáveis não afetaram o preço no período de análise (início de 2000 a junho de 2005), isso porque, até então, o setor direcionava quase a totalidade da sua produção para o mercado interno.

Já as importações sofrem forte influência da taxa de câmbio. Estimativas do CEPEA/Esalq-USP mostram que com uma desvalorização cambial (Real desvalorizado frente ao dólar), após sete meses, as importações diminuem, com exceção do mês de maio (início de entressafra), quando ocorre um aumento das importações devido à diminuição da oferta doméstica.

Uma outra análise considerando fatores como renda disponível bruta do consumidor (demanda) e a produção formal de leite (oferta) mostra que aumento de renda no primeiro trimestre do ano (janeiro, fevereiro e março) eleva, no trimestre seguinte (abril, maio e junho), os preços do leite. O volume produzido, por sua vez, responde à renda no mesmo sentido (ambos aumentam) no período de abril a setembro.

Por outro lado, aumentos da produção formal causam diminuições no preço ao longo do trimestre seguinte. Vê-se que, do segundo ao quarto trimestre do ano, a relação entre produção e preço do leite é inversa, ou seja, enquanto um aumenta o outro diminui.

Contudo, é necessário ponderar este efeito através da elasticidade-renda sobre os produtos. Isso significa que um aumento da renda não reflete na mesma proporção sobre o volume produzido. Se o consumidor tiver, por exemplo, um aumento na sua renda de 10%, a tendência geral é que o volume de leite e seus derivados aumente em 3,92% (dados do professor Hoffmann, 2000), o que estimula em parte as vendas no varejo já que o preço tende a cair com a maior oferta.

Entre janeiro e junho, talvez como uma resposta ao crescimento da demanda, o aumento dos preços também motiva a elevação da produção formal de leite.



A VALORIZAÇÃO DA QUALIDADE

O setor leiteiro tem sofrido grandes mudanças nos últimos anos. Uma das mais relevantes talvez tenha sido o início do pagamento do leite em função da sua qualidade.

A qualidade do leite sempre foi um assunto muito abordado junto aos produtores. Muitos achavam o assunto importante, mas não “urgente” e era comum o comentário: investir em qualidade? Mas ninguém valoriza !!!”

A iniciativa de grandes empresas do setor como a DPA, Danone e mais recentemente a Itambé vem causando uma verdadeira revolução no setor.

Nos programas de pagamento do leite pela qualidade, são avaliados itens como a contagem de células somáticas (CCS), contagem bacteriana total (CBT) e a composição do leite (gordura e proteína). O diferencial de preço varia para cada um dos itens e entre as indústrias.

Existe programa em que o diferencial entre um leite com baixa (< 10 mil ufc – unidades formadoras de colônias) e alta CBT (> 400 mil) representa R\$ 0,03 por litro. Este diferencial também é observado para CCS, gordura e proteína. Em média, se compararmos um leite de padrão elevado de qualidade (cenário 1) com um de qualidade inferior (cenário 2), o diferencial por litro pode chegar a R\$ 0,09. Em algumas situações, este diferencial chega até a R\$ 0,12 (Tabela abaixo).

e considerarmos um preço-base de R\$ 0,40/litro, por exemplo, o adicional de R\$ 0,09/l representaria um aumento no faturamento acima de 20%. Uma fazenda produzindo 30 mil litros/mês teria no final do mês um adicional de R\$ 3.000,00. Com esses números fica explícita a importância que a qualidade tem apresentado para o sucesso dos produtores na atividade.

“Muitos achavam o assunto importante, mas não ‘urgente’. Era comum o comentário: investir em qualidade? Mas ninguém valoriza !!!”

A Clínica do Leite, do Departamento de Zootecnia da ESALQ/USP, ciente deste fato, vem trabalhando intensamente para suprir a demanda de conhecimento e de análises na área. Desenvolveu várias ferramentas (softwares) de armazenamento e avaliação de dados da qualidade do leite (LeiteStat e RebStat) e elaborou programas de treinamento para consultores, produtores e técnicos da indústria em como proceder para melhorar a qualidade do leite.

Nos próximos números, abordaremos esses aspectos, além dos resultados que vêm sendo observados pela Clínica para que sirvam de “benchmark” para os leitores do Boletim do Leite.

Variável	Cenário 1*	Cenário 2*	Diferencial (R\$/L)*
CCS (xmil/mL)	200	550	0,02
CBT (xmil ufc/mL)	20	700	0,04
Gordura (%)	3,6	3,2	0,015
Proteína (%)	3,3	3,0	0,015
Total			0,09

* O cenário 1 representa as 25% melhores fazendas analisadas pela Clínica do Leite/Esalq e o cenário 2, a média de todas elas (aproximadamente 15.000 fazendas dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Mato Grosso e Rio de Janeiro).

** valor estimado – calculado em função de diferentes programas de pagamento

CLÍNICA DO LEITE
ESALQ - USP

*Mais lucratividade
e qualidade para o seu leite*

www.clinicadoleite.com.br



DEMANDA NÃO É SUFICIENTE PARA ABSORVER AUMENTO DE OFERTA

Neste mês de novembro, os preços do leite continuaram em queda. A oferta diária também manteve sua tendência de aumento. Frente a outubro, o volume captado nas regiões pesquisadas teve novo aumento médio de 2,68%. Desta forma o preço médio bruto, nos sete estados pesquisados caiu para R\$ 0,447/litro, redução de 4,67% em relação a outubro. O patamar atual é semelhante ao praticado em abril/maio do ano passado, sem considerar a inflação do período - que piora a situação.

Com esse contínuo crescimento da oferta de leite, os laticínios vêm seus produtos serem desvalorizados nas prateleiras dos varejistas e destacam que, mesmo com os preços mais baixos, o consumo não reage. Isso significa uma disposição do consumidor brasileiro a pagar cada vez menos por leite/derivados. Esse comportamento, por sua vez, desincentiva, no longo prazo, investimentos do produtor rural para melhorar a qualidade do leite.

Não bastasse a pressão de oferta e também de demanda, os preços regionais foram impactados ainda pela ocorrência de aftosa no Mato Grosso do Sul e pela suspeita da doença no Paraná, que veio a prejudicar também Santa Catarina. No MS, o problema atingiu em cheio os preços e, no PR e SC, os pequenos produtores foram os mais afetados pelas quedas. Nota-se nessas regiões que os preços mínimos estão na casa dos R\$ 0,35/litro, apresentando

em algumas regiões preocupantes R\$ 0,28/litro, como no Centro Oriental Paranaense e na região Serrania, de Santa Catarina.

Em termos percentuais, as maiores quedas foram observadas em São Paulo (7,0%), em Goiás (6,8%) e no Rio Grande do Sul (5,5%). Esses estados, em outubro, tentaram segurar as quedas dos preços, mas devido à concorrência no atacado, tiveram que baixar os preços pagos aos produtores em percentuais acima da média.

Com esse contínuo crescimento da oferta de leite, laticínios vêm seus produtos serem desvalorizados nas prateleiras dos varejistas e destacam que, mesmo com os preços mais baixos, o consumo não reage

Pesquisadores do Cepea ressaltam que nos últimos 12 meses o valor deflacionado do leite ao produtor está defasado em 21,30%, quando comparado à inflação (IPCA). Isto é, no período de novembro de 2004 até novembro de 2005, a inflação, medida pelo IPCA, registrou alta de 6,26%, enquanto que os preços nominais do leite registraram queda de 16,87%. Este descompasso tem paralelo somente no período de novembro de 2000 a novembro de 2001, quando o setor lácteo, especialmente o segmento produtor, enfrentou a pior crise de preços do Plano Real.

Veja no gráfico abaixo a evolução dos preços neste ano comparada com os valores de 2004 e com a média histórica de 1999 a 2004 (deflacionada).

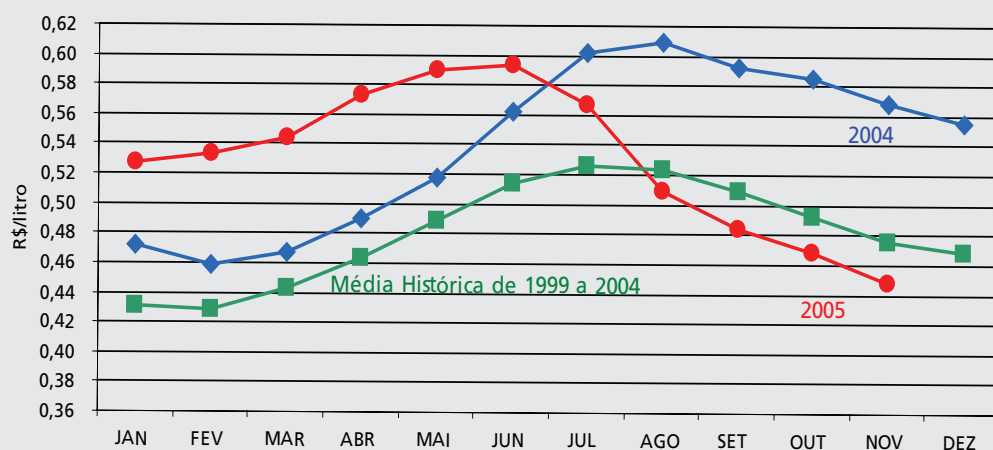
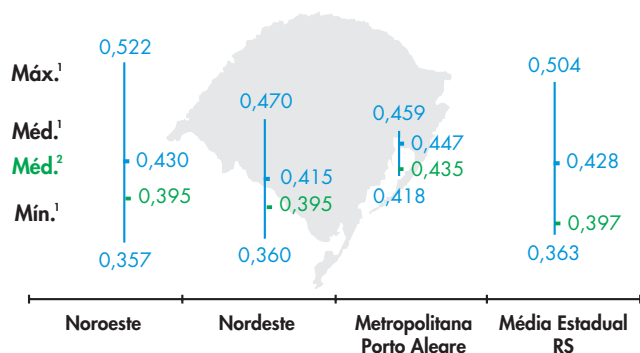


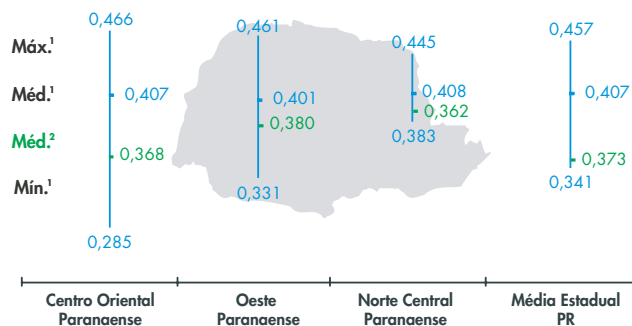
Gráfico 1
Evolução dos preços reais do litro de leite tipo C (IPCA=100, Nov/05)

Preços pagos em Novembro/05 ao produtor referentes ao leite entregue em Outubro/05 - R\$/litro tipo C

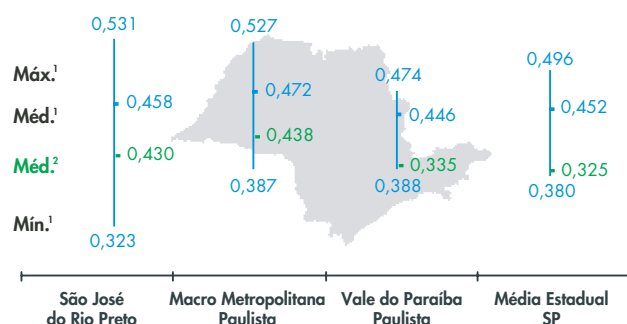
Mesorregiões do RIO GRANDE DO SUL



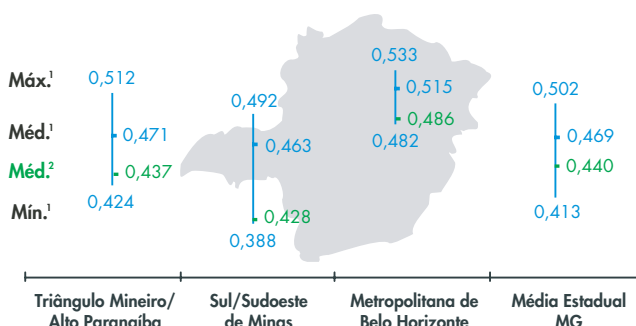
Mesorregiões do PARANÁ



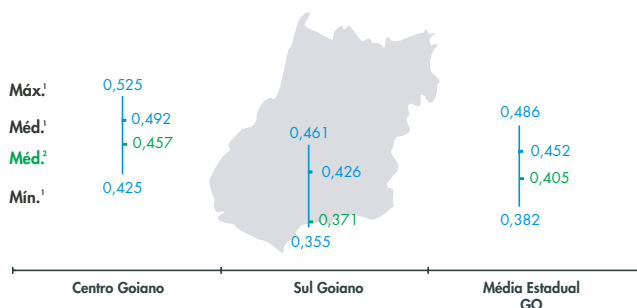
Mesorregiões de SÃO PAULO



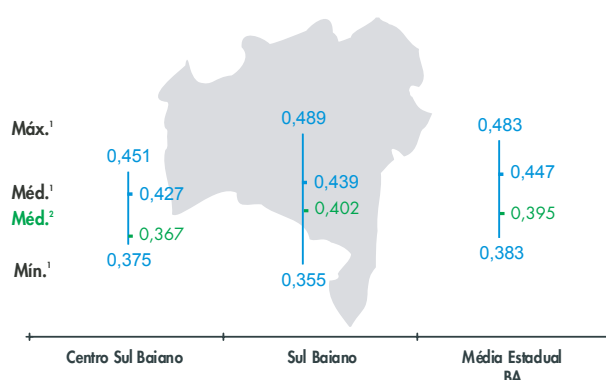
Mesorregiões de MINAS GERAIS



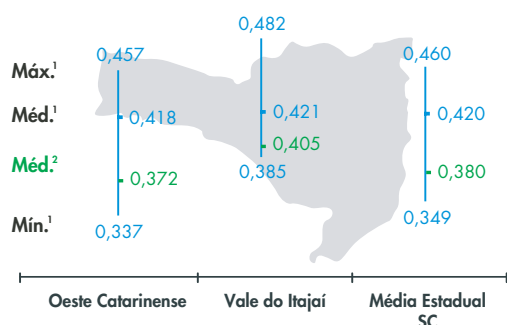
Mesorregiões de GOIÁS



Mesorregiões da BAHIA



Mesorregiões de SANTA CATARINA



EXPEDIENTE

Editor Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros e Sergio De Zen

Editor Executivo:
Eng. Ag. Leandro Augusto Ponchio

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTb: 27368

Diagramação Eletrônica/Arte:
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

Equipe Leite:
Leandro Augusto Ponchio - Pesquisador do projeto leite; Erica R. da Paz, Juliana M. Angelo, Paloma M. P. Teixeira, Pedro Sarmento e Raquel M. Gimenes.

Equipe Macroeconômica:
Humberto Francisco Silva Spolador -

Pesquisador do projeto Macroeconomia; Fabiana C. Fontana e Juliana Bordieri Ferraz

Equipe Grãos:
Mauro Osaki - Pesquisador do Projeto Grãos; Ana Amélia Zinsly, Tatiane V. da Silva, Maria Isabel B. de Lima, Milene Ramos.

Contato:
C.P 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8831
19 3429-8859
leitecepea@esalq.usp.br
<http://cepea.esalq.usp.br>

O Boletim do Leite pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de conteúdos publicados por este informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Boletim do Leite/Cepea e a devida data de publicação.

¹Valor Bruto; Incluso frete e INSS ²Valor Líquido; Livre de frete e INSS



SOJA E FARELO de soja

Em novembro, não houve fundamentos econômicos que pudessem reverter a queda nos preços da soja e do milho. A média do Indicador CEPEA/ESALQ da soja (estado do Paraná) em novembro ficou em R\$ 28,17/sc de 60 kg, o menor valor real (deflacionado pelo IGP-DI) de sua história, iniciada em julho de 1997. O recuo do preço da soja no mercado brasileiro reflete basicamente a valorização do Real frente ao dólar norte-americano, que teve média mensal de R\$ 2,21/US\$, a menor desde abril de 2001. Outro fator baixista é colheita da segunda maior safra nos Estados Unidos (82,82 milhões de toneladas), praticamente concluída.

Para o farelo, o preço médio ficou em R\$

493,69/tonelada na região de Campinas (SP), 2% menor que em outubro deste ano. O valor do farelo no mês novembro foi o menor nominal desde julho de 2002. Esse recuo pode amenizar o impacto sobre produtores do setor lácteo, caso seja de fato repassado ao valor da ração. No próximo mês, esmagadoras paralisam as atividades para manutenção das fábricas.

Apesar da queda nos preços da soja, a Conab estima aumento da próxima safra em função da recuperação da produtividade nos estados que enfrentaram seca na safra 2004/05, como os da região Sul e o Mato Grosso do Sul. Segundo a Conab, a produção brasileira deverá totalizar entre 56,69 e 58,57 milhões de toneladas.

IMPACTOS NO LEITE

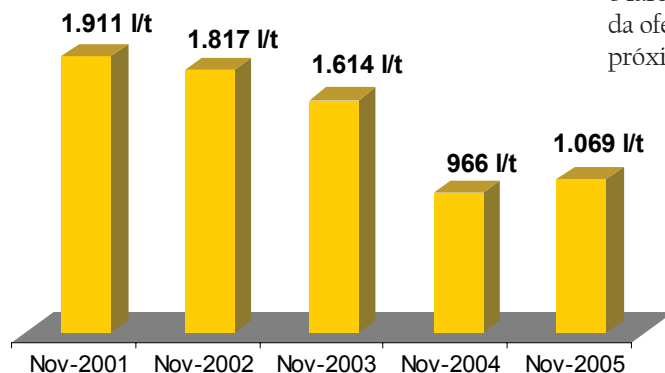
Com a queda de 2% no preço do farelo de soja – de outubro para novembro –, o custo do concentrado diminuiu. Para vacas com produção de 15 l/dia, o custo médio dos concentrados para cinco diferentes dietas ficou 0,85% mais barato.

Para vacas de 30 l/dia de produção, a diminuição dos concentrados foi de 0,89% de outubro para novembro. Com essas quedas do farelo de soja, a dieta mais beneficiada foi à base de cana picada, barateada em 1%.

RELAÇÃO DE TROCA

A queda de 9,4% dos preços do farelo de soja nos últimos 12 meses, na região de Campinas, não foi suficiente para melhorar a relação de troca do produtor de leite. No mesmo período, o leite se desvalorizou 17,84% no Estado de SP, piorando o poder de compra do pecuarista. Em novembro, foi necessário o equivalente a 1.069 litros de leite para a aquisição de uma tonelada do farelo. Em

outubro/05, bastavam 955 litros de leite para a mesma compra e, em novembro do ano passado, 966 litros. Isso implica numa queda no poder de compra do produtor de leite frente a esse insumo de 10,7% nos últimos 12 meses e de 11,9% se comparado a outubro deste ano. Nesse cenário já preocupante, a pergunta que se faz é: o leite vai continuar caindo em ritmo mais acelerado que o farelo? A resposta, em boa parte, vai depender da oferta de leite e do câmbio (para a soja) nos próximos meses.



Quantos litros de leite são necessários para adquirir uma tonelada de farelo de soja?



MILHO

O cenário de oferta maior que demanda, câmbio desfavorável à exportação e concorrência com o trigo, especialmente no Paraná, mantiveram a pressão sobre os valores do milho em novembro. A reação que alguns agentes esperavam com a entrada da entressafra é cada vez mais descartada.

O excedente do milho no Brasil poderia ser exportado para valorizar o preço interno. Contudo, a valorização do Real frente ao dólar, de 16,2%

entre janeiro e outubro, está desestimulando empresas exportadoras e cooperativas a negociar no mercado internacional.

Em outubro, as vendas externas de milho totalizaram apenas 161 toneladas, contra as 116,18 mil toneladas do mesmo período do ano passado. Entre fevereiro e outubro deste ano, as exportações brasileiras corresponderam a somente 799 mil toneladas, enquanto no ano passado esse número foi de 4,17 milhões de toneladas.

IMPACTOS NO LEITE

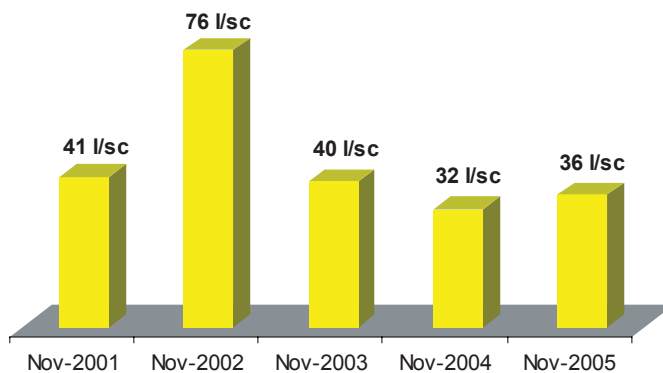
O preço do milho caiu 7% de outubro para novembro em Campinas (SP), diminuindo o custo do concentrado. Para vacas de 15 l/dia, a queda do milho proporcionou 2,23% de redução no custo do concentrado (na média de cinco

dietas) e para vacas de 30 l/dia, o custo diminuiu ainda mais: 3,21%. Considerando a queda nos preços da soja e do milho, os concentrados caíram, em média, 3% para vacas de média produção e 4,11% para as de maior produção.

RELAÇÃO DE TROCA

As quedas do milho também foram significativas em novembro. Na região de Campinas (SP), a saca se desvalorizou 7,8% nos últimos 12 meses, sendo que de outubro para novembro a queda foi de 6,65%. A exemplo do farelo de soja, mesmo com o insumo caindo, o produtor de leite ainda continua em desvantagem. Há um ano, era necessário o equivalente a 32 litros de leite para adquirir uma saca de 60 kg de milho no estado de SP. Já em novembro de 2005, foram necessários 36 litros, o que representa uma redução de 12,5% no poder de compra do pecuarista nos últimos 12 meses. Produtores com alta tecnologia (30 l/vaca/dia) são os que mais sentem a perda do poder de compra frente ao milho.

Quantos litros de leite são necessários para adquirir uma saca de 60 kg de milho?



Produtos Itambé:
Qualidade, tradição e confiança.

itambé
O MELHOR DO LEITE PARA SUA FAMÍLIA
www.itambe.com.br

FIQUE ATENTO

Embrapa, Universidade de Brasília (UnB), Hospital de Apoio e Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) estão desenvolvendo uma tecnologia para a produção, em leite de vaca, de uma proteína do plasma humano responsável pela coagulação do sangue (Fator IX). O objetivo é obter a proteína em larga escala para fabricação de medicamentos voltados ao tratamento da hemofilia. Na primeira fase do projeto, os pesquisadores inseriram em camundongos o gene humano capaz de produzir o Fator IX, e os animais testados em laboratório produziram leite com a proteína.. (Fonte: Valor Econômico)

A Medida Provisória 255 aprovada pela Câmara dos Deputados traz benefícios para segmentos da produção rural, como a pecuária de corte e de leite. Com a redução de tributos, a medida deve favorecer tanto produtores quanto consumidores. O leite em pó e os queijos tipo mussarela, minas, prato, queijo de coalho, ricota e requeijão serão os produtos lácteos que terão queda de 9,25% nos preços finais, referente às tarifas de PIS/PASEP e Cofins até agora incidente sobre esses produtos. Para os criadores de gado, a boa notícia é a redução de 2% para 1% de recolhimento referente à Contribuição para a Seguridade Social. (Fonte: CBCL/OCB)

A Nestlé, multinacional suíça de alimentação, calcula um prejuízo de 2,5 milhões de euros (R\$ 7,25 milhões) com a retirada de leite em pó infantil das prateleiras de Portugal, Espanha, França e Itália, após funcionários da saúde encontrarem uma pequena quantidade de um produto químico nas embalagens. A Nestlé alega que a substância não represen-

ta risco à saúde. Apesar de ter havido uma reunião de investidores organizada pelo Banco Cantonal de Zurique (BCZ) por causa do ocorrido, o executivo reiterou e qualificou de “pequeno” o impacto econômico da retirada do produto. A empresa informou hoje a retirada da venda na Grécia de um lote de 420 caixas de leite infantil, onde foi detectado o mesmo problema que o registrado em outros mercados europeus. (Fonte: Invertia)

Com relação ao e-mail sobre o reaproveitamento das embalagens longa vida que tem circulado na internet, a Tetra Pak, empresa que fabrica embalagens cartonadas de leite e equipamentos de envase e de processamento UHT (longa-vida), esclarece que: a numeração no fundo das embalagens é relativa a uma marcação da Tetra Pak chamada “número de ordem de produção”. A cada pedido de embalagem feito por uma empresa produtora de leite é gerado um número sequencial, que serve para o rastreamento da produção. O número que aparece acima deste sequencial no fundo da embalagem (1, 2, 3 etc) é impresso no momento da produção da mesma e refere-se ao posicionamento na bobina. Antes do envase, os alimentos passam por um tratamento térmico conhecido como ultrapasteurização (ou UHT) a fim de que sejam eliminados os microrganismos que eventualmente possam estar presentes. A empresa informa que é impossível que a embalagem seja reutilizada ou que o produto retorne depois de vencido para nova ultrapasteurização. A Tetra Pak ressalta, portanto, que as informações divulgadas e-mail não possuem fundamento técnico e se coloca à disposição para quaisquer esclarecimentos. (Fonte: Tetra Pak Ltda.)

Impresso Especial

1.74.18.0518-7/2001-DR/SPI
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

... **CORREIOS** ...

IMPRESSO



Uso dos Correios

C. Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP



Supra Pen e Pronto Pen. ^z

Os antibióticos prontos para uso da Vallée.

Menos trabalho para você.
Mais saúde para seu animal.



Vallée
www.vallee.com.br